

## O romance proletário *Cacau*: produção literária de Jorge Amado nos moldes do realismo socialista da URSS

The proletarian novel *Cacau*: the literary production of Jorge Amado in the mold of socialist realism of the USSR\*

Geferson Santana\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar o caráter proletário do romance “Cacau” (1933), escrito por Jorge Amado, vinculado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) desde 1932. A obra em questão foi escrita dentro dos moldes do realismo socialista, modelo estético adotado pela União das Repúblicas socialistas Soviéticas (URSS) e pelos artistas e escritores filiados aos PCs (Partidos Comunistas) dos demais países. Nossa proposta de análise baseia-se na relevância desse segundo romance da obra amadiana para o campo de estudos da postura político-ideológica do autor que, ao mesmo tempo, tem vinculação com as diretrizes do movimento comunista internacional. Para alcançar nosso objetivo, primamos pela leitura da produção historiográfica e fortuna crítica que foram construídas em torno do romance, assim como pela análise dos elementos estéticos deste.

56

**Palavras-chave:** Cacau, Jorge Amado, Realismo socialista, Romance proletário.

**Abstract:** This article purposes to analyze the proletarian character of the novel "Cacau" (1933), written by Jorge Amado, who was linked to the Communist Party of Brazil (PCB) since 1932. The book in question was written in the mold of socialist realism, which was the aesthetic model adopted by the Union of Soviet Socialist Republics (USSR) and artists and writers affiliated to the Communist Parties around the world. Our proposal of analysis is based on the relevance of this second novel for the studies of the artistic-literary production of the Brazilian left intellectuals in the XX century. The book evidences the author's political-ideological stance, which, at the same time, it is linked to the guidelines of the international communist movement. To reach our goal, we focus on reading historiographical production and critical fortune (national and international critics) that were built around the novel, as well as for the analysis of the aesthetic elements of it.

**Keywords:** Cacau, Jorge Amado, Socialism Realism, Proletarian Novel.

Recibido: 19 octubre 2018 Aceptado: 16 diciembre 2018

---

\* Agradeço ao amigo e historiador Edevard Pinto França Junior pela tradução.

\*\* Brasileiro, Doutorando em História pela Universidade de São Paulo (USP). Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Correio eletrônico: [santanageferson@gmail.com](mailto:santanageferson@gmail.com)



O escritor Jorge Amado ingressou no *Partido Comunista do Brasil* (PCB) por intermédio da relação de amizade que tinha com a escritora cearense Rachel Queiroz ainda nos primeiros anos da década de 1930. Isso o colocou numa posição de destaque no partido, pois assumiu a função de ser o principal promotor do romance proletário no Brasil, conforme as orientações da *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS)<sup>1</sup>. Reitera-se ainda, que a amizade com a escritora cearense rendeu a participação de Amado na *Juventude Comunista* (JC), que era uma das atividades ilegais do partido, o que gerou perseguição da polícia e batidas policiais nos locais de encontro do grupo<sup>2</sup>.

O *staff* do escritor Amado reunia vários críticos e escritores vinculados ao PCB, comprometidos em (re)afirmar o caráter proletário, revolucionário, moderno e documental de seus romances<sup>3</sup>. Segundo a historiadora Carine Dalmás, podemos notar tal aspecto a partir da criação do jornal *A Manhã*, nascido do movimento de caráter antifascista e comunista da *Aliança Nacional Libertadora* (ANL), uma vez que ambos pareciam seguir as orientações soviéticas para a produção artístico-literária<sup>4</sup>.

Mas, quais eram as diretrizes da URSS para os PCs? Como tais elementos podem ser percebidos no romance proletário amadiano? O jornalista Alberto Passos Guimarães, comunista desde 1932, num artigo para o *Boletim de Ariel* respondeu à pergunta do prefácio do livro: “*Será um romance proletário?*”<sup>5</sup>. Disse:

Ao meu ver, é. Embora impressionado mais pelo aspecto sentimental do problema, até a ligação afetiva do Sergipano, embora misturando algumas vezes as situações puramente morais com os sentimentos rebeldes da gente do campo, “Cacau” exala um bom ar de revolta para estar junto da literatura proletária. (...) Em “Cacau” tem-se bem a paisagem dos nossos campos semi-bárbaros, das nossas fazendas, onde a ruindade dos feudos se conserva com o mesmo ardor. (...) “Cacau” é um romance proletário.<sup>6</sup>

57

Se o primeiro romance (*O país do carnaval*, 1931) foi uma tentativa, nem sempre exitosa, de representação de uma geração e seus problemas, em *Cacau* (1933) Amado apresentou um caminho. Segundo Barbosa, é nesse romance que o escritor baiano põe à vista sua aproximação com as orientações do PCB<sup>7</sup>. A autora não está equivocada, porque fora com esse romance que Amado tentou representar o cenário de exploração dos homens que trabalharam nas plantações de cacau dos grandes coronéis da cidade de Ilhéus, no Sul da Bahia. Outras questões também são representadas como a condição de miséria em que viviam os trabalhadores como, por exemplo, as prostitutas, às quais se condicionou a chamar de “operárias do sexo”. Eduardo de Assis Duarte, afirma que *Cacau* é a demonstração de que o caminho do

<sup>1</sup> DALMÁS, Carine. Frentismo cultural dos comunistas no Brasil e no Chile: literatura, escritores e virada aliancista (1935-1936). *Projeto História*, São Paulo, n. 47, p. 228, ago. 2013.

<sup>2</sup> RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 48-49.

<sup>3</sup> Ver debate em: SANTANA, Geferson. *O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)*. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017. Consultar artigo recente: SANTANA, Geferson. Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937). *Izquierdas*, Santiago, n. 49, p. 58-78, 2018.

<sup>4</sup> DALMÁS, op. cit., p. 233 e 229.

<sup>5</sup> AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Record, 1981. p. 8.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Alberto Passos apud AMADO, Jorge (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. p. 76-77.

<sup>7</sup> BARBOSA, Júlia Monnerat. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. 2010. p. 134. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Interessante notar que alguns autores como Ilana Seltzer Goldstein não deixam clara a relação de Amado com o referido partido. GOLDSSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Editora SENAC, 2003. p. 135.



escritor baiano seguiu em direção à esquerda, pois o interesse em representar os latifúndios e suas mazelas socioeconômicas tinha uma relação direta com as diretrizes do PCB<sup>8</sup>.

Segundo o médico e escritor chileno Juan Marín, num artigo que escreveu para a revista *El Mercurio* da cidade de Santiago (Chile), o romance é “dramático como la verdad y como la vida misma”<sup>9</sup>. Segundo Duarte, o romance tinha a função de representar o sofrimento dos trabalhadores das fazendas de cacau, especialmente as condições de subsistência, como moradias precárias, alimentação de péssima qualidade e exploração da força de trabalho<sup>10</sup>.

Marín também lembrou que o livro causou tanta repercussão e polêmica que acabou sendo apreendido pela polícia. Ana Paula Palamartchuk reporta o ocorrido:

A publicação de **Cacau** teve grande repercussão entre os críticos literários e, também, entre a polícia carioca que o apreendeu, mas por intervenção de Oswaldo Aranha (então, Ministro do Exterior) foi liberado 24 horas depois. Talvez até por causa da apreensão é que o livro fez sucesso entre o público: a primeira edição, maio de 1933, contou com 2000 exemplares e se esgotou em um mês, tendo a segunda edição, julho-agosto de 1933, 3000 exemplares.<sup>11</sup>

Acreditamos que Palamartchuk tem toda razão ao afirmar que a apreensão dos exemplares tenha gerado impacto entre os escritores, mas *O país do carnaval*, apesar das críticas, conquistou os críticos da época. Com *Cacau* não foi diferente. Até mesmo o integralista sergipano Omer Mont’Alegre elogiou o romance no jornal *Estado de Sergipe* e estimulou seu autor dizendo que ele “tirou a roupa da verdade. Arrancou-lhe a dentadura. O olho de vidro. A cabeleira. (...) Você há de ser combatido por causa de seu livro. Não esmoreça. Faça outro”<sup>12</sup>.

Explicou Marín que, com *Cacau*, Amado se tornou “uno de los cuatro o cinco más grandes novelistas de America em la hora actual: está junto a Gallegos, Rivera, Azuela y Icasa”<sup>13</sup>. No cenário nacional, o jornalista Odilo Costa Filho incluiu o romance junto com *Menino do engenho* de José Lins do Rego e *João Miguel* de Rachel de Queiroz no rol das grandes obras brasileiras, tendo em vista que “este Jorge Amado fez coisa tão pouco literária que qualquer outro não faria”<sup>14</sup>.

O escritor baiano João Cordeiro veio em defesa da obra. Ele a considerou um grande romance, porque Amado não criou uma “piedade burguesa” pelos miseráveis daquela terra, e optou por mostrar o sofrimento, estigma, revolta latente. Para Cordeiro, aí reside um dos motivos para ter admiração pelo romance que considerou ser “um livro de combate”, posto que o “cacau encontrou, enfim, o seu romancista”<sup>15</sup>. O escritor francês Max-Pol Fouchet, que também atuou no Partido Socialista francês, chegou a corroborar a reflexão de Cordeiro, ao afirmar que é um livro “engagé, Cacao est un livre de combat, écrit par un auteur qui ne craint pas, au début, de poser cette question: Sera-t-il sorti de là un roman prolétaire?”<sup>16</sup>.

<sup>8</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: Editora da UFRN, 1995. p. 56-57.

<sup>9</sup> MARÍN, Juan apud AMADO, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**, p. 70.

<sup>10</sup> DUARTE, op. cit., p. 63. Para análise do romance, consultar: SANTANA, op. cit., p. 170-182; SANTOS, Daiana Nascimento dos. El realismo socialista en tierras tupiniquines. **Pacarina del Sur**, ano 5, n. 21, out./dez., 2014. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1030-el-realismo-socialista-en-tierras-tupiniquines>. Acesso em: 21 jul. 2018.. Ainda consultar as referências usadas por Santana.

<sup>11</sup> PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista**: escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945). 1997. p.117. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997; Cf. DUARTE, op. cit., p. 74.

<sup>12</sup> MONT’ALEGRE, Omer apud AMADO, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**, p. 78.

<sup>13</sup> MARÍN apud Ibidem, p. 70.

<sup>14</sup> COSTA FILHO, Odilo apud AMADO, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**, p. 77.

<sup>15</sup> CORDEIRO, João apud Ibidem, p. 73.

<sup>16</sup> FOUCHET, Max-Pol apud Ibidem, p. 76.



Murilo Mendes, num artigo publicado no periódico *Boletim de Ariel*, escolheu problematizar em torno da ideia de “romance proletário” atribuída ao romance por seu próprio autor. Explicou que a “mentalidade” proletária ainda estava em processo de formação, e não tem total consciência de seu papel histórico. Acrescentou que os escritores que encontrarem inspiração na vida em decomposição da sociedade burguesa<sup>17</sup> terão que voltar-se para o proletariado, encontrando aí não apenas material para a construção do romance, como as ferramentas para integrar ao “espírito do proletariado” e tornar-se um escritor revolucionário<sup>18</sup>.

Mendes ainda esclareceu ser impossível fazer um romance de tom proletário sem estar integrado ao mundo proletário, pois não basta apenas ser um “observador”, mas fazer parte, pois aí moraria o caráter revolucionário do escritor. Sem isso, correria o risco de fazer “simples reportagem”. Segundo ele, Amado foi quem mais se aproximou da ideia de “romance proletário”, ao contrário de Patrícia Galvão (Pagu), que em *Parque Industrial* (1932) cometeu um engano:

Romance proletário”, anuncia a autora no frontispício do *Parque Industrial*. Houve engano. É uma reportagem impressionista, pequeno-burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se à entrega de fábricas, à saída de fábricas, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual. Sobre o *Parque Industrial* pròpriamente pouca coisa se fica sabendo.<sup>19</sup>

O segundo romance de Amado, somado aos demais da década de 1930, representou um esforço em constituir uma obra inscrita dentro da perspectiva do “romance proletário”. Mas, quais leituras foram tomadas como referência para a construção de um corpo literário dentro dessa estética? Não existem muitos estudos aprofundados sobre as leituras feitas por Jorge Amado. Analisar o conteúdo dessas obras nos permitiria entender melhor as verdadeiras aproximações entre o tipo de romance proletário construído pelo autor e sua relação com os romances estrangeiros.

59

## Jorge Amado: os autores do romance proletário e realismo socialista

Miécio Tâti listou alguns livros de escritores russos e de outras nacionalidades que estiveram presentes na vida literária de Amado, como *Judeus sem dinheiro*, de Michael Gold. Inclusive, disse o escritor baiano, que o volume citado fez muito sucesso e influenciou muitos escritores<sup>20</sup>. Aos nomes citados anteriormente podemos acrescentar “Ostrovski (Torrente de Ferro), Cholokhov, Fadeiev (A Derrota), Isaac Babel (Cavalaria Vermelha), Pliniak, Ilya Ehrenburg (Júlio Jurenito)”<sup>21</sup>. Os livros enumerados foram traduções lançadas pela Editorial Pax, que era financiada por Carlos Prestes e funcionava na rua Libero Badaró, em São Paulo<sup>22</sup>. Lincoln Secco esclarece-nos que o PCB foi importante na introdução da nova literatura no país, por meio de suas poucas livrarias<sup>23</sup>.

<sup>17</sup> Para Carine Dalmás, os escritores socialistas/comunistas deveriam usar a literatura para combater o regime burguês e apontar os problemas sociais resultantes dele. DALMÁS, op. cit., p. 231.

<sup>18</sup> MENDES, Murilo apud Ibidem, p. 72.

<sup>19</sup> Idem apud Ibidem, p. 72.

<sup>20</sup> SECCO, Lincoln. Leituras comunistas no Brasil (1919-1943). In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Edição e revolução**: leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Belo Horizonte, Minas Gerais: Editoria UFMG, 2013. p. 56.

<sup>21</sup> AMADO, Jorge; GOMES, Alvaro Cardoso. **Jorge Amado**. São Paulo: Abril Educação, 1981. p. 13. Para uma consultar de outros pesquisadores que tentaram entender o itinerário de autores lidos por Amado, ver: DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: Editora da UFRN, 1995.

<sup>22</sup> TÁTI, Miécio. **Jorge Amado**: vida e obra. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Limitada, 1961. p. 40; SECCO, op. cit., p. 55.

<sup>23</sup> Idem.



Na entrevista que Amado cedeu à Alice Raillard ficou evidente que ele leu o romance alemão *Passageiros de Terceira Classe* de Kurt Klaber por considerá-lo um romancista proletário. O escritor baiano expõe que viu em Klaber uma esperança para o modelo estético literário que se propunha a escrever. Quando esteve na Europa, ele buscou pistas do romancista alemão, e descobriu apenas que, com a ascensão do nazismo, “estabeleceu-se na Suíça, e lá o citado ‘romancista proletário’ transformou-se num autor de *best-sellers* para mocinhas, gênero Delly... Na hora abandonei as minhas pesquisas”<sup>24</sup>. Independente do caminho tomado por Kurt Klaber, acreditamos que foi um dos que mais marcaram Amado.

Os debates sobre romance proletário tem uma relação direta com o realismo socialista, enquanto uma estética que marcou os romances do escritor baiano, tendo em vista que era uma das orientações aos intelectuais vinculados ao partido. O realismo da literatura russa foi apresentado no discurso de Andrei Zhdanov, no *I Congresso de Escritores Soviéticos*, ocorrido entre os dias 17 de agosto e 01 de setembro de 1934, em Moscou. Zhdanov foi do *Partido Comunista da União Soviética* (PCUS) e braço direito de Josef Stalin. Seu discurso no congresso esteve respaldado nas conquistas da “nova sociedade soviética”<sup>25</sup>.

Para Zhdanov, o *I Congresso* protagonizado por escritores russos - como Maxim Gorky, Karl Radek, Nikolai Bukharin e A. I. Stetsky - representou a vitória das doutrinas de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Ilitch Lenin (Lenin) e Stalin e tais doutrinas deveriam servir como armas na luta contra o capitalismo<sup>26</sup>.

No discurso de Zhdanov consta que aos poucos o proletariado arregimentava os seus escritores. Muitos deles pertencentes a países capitalistas, que inclusive, se encontravam em processo de “decadência”<sup>27</sup>. A literatura russa tinha papel importante na construção socialista, e caberia aos escritores ou *engenheiros da alma humana*<sup>28</sup>, como os denominou Stalin, construir suas narrativas nos feitos heroicos, épicos. Explana o historiador Víctor Augusto Piemonte, que após o triunfo da revolução bolchevique, o governo proclamou que o “que llama intelligentsia es uno de los tres pilares del orden socialista, junto con el proletariado y el campesinato”<sup>29</sup>. Ou seja, os escritores ganharam função imprescindível na nova ordem que se estabeleceu ao assumir a função de “porta-voz do gênero humano, arte, vida e pensamento [...]”<sup>30</sup>.

O russo Zhdanov afirmou que caberia aos escritores conhecer a vida, a ponto de poder representá-la nas obras. Não apenas como simples representação da *realidade objetiva*, como mostrar a realidade em seu pleno desenvolvimento revolucionário. No entendimento do autor, a nova postura permitiria educar ideologicamente o trabalhador dentro do espírito socialista, residindo aí a finalidade do

<sup>24</sup> RAILLARD, op. cit., p. 56.

<sup>25</sup> O congresso foi fruto de um processo de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade soviética. Com a extinção da *Associação de Escritores Proletários Russos* (RAPP), por Stalin devido a sua orientação trotskista, o governo russo criou a *União dos Escritores Soviéticos* com intuito de oficializar uma nova política cultural.

<sup>26</sup> ZHDANOV, Andrei. Soviet Literature - Richest in Ideas, Most Advanced Literature. In: Gorky, Radek, Bukharin, Jdanov and others “Soviet Writers’ Congress 1934”, Lawrence & Wishart, 1977. Transcribed by Jose Braz, Andy Blunden and Hasan. p. [décimo e décimo primeiro parágrafos].

<sup>27</sup> NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. **Temáticas**, Campinas, v. 37, n. 38, p. 47, 2011.

<sup>28</sup> Termo usado pelo russo Zhdanov.

<sup>29</sup> PIEMONTE, Víctor Augusto. El realismo socialista, la Tercera Internacional y el giro político-cultural en el comunismo argentino. In: Jornadas de Sociología de la UNPL, 7., 2012, Argentina. **Anais Eletrônicos**.... Argentina: UNPL, Argentina. p. 8. Ainda sobre estudos referentes ao realismo socialista na Argentina consultar: PETRA, Adriana Carmen. **Intelectuales comunistas em la Argentina (1945-1963)**. 2013. 472 f. Tese (Doutorado em História) – Universidad Nacional de la Plata, Buenos Aires, 2013; PIEMONTE, Víctor Augusto. **Alcances y significaciones de la incidencia soviética en las prácticas políticas del Partido Comunista de la Argentina (1919-1943)**. 2013. 331 f. Tese (Doutorado em História) – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

<sup>30</sup> DIAS, Fabio Alves dos Santos. **Do realismo burguês ao realismo socialista: um estudo sobre a questão da herança cultural no pensamento de Lukács nos anos 1930**. 2014. p. 298. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.





realismo socialista<sup>31</sup>. Conforme a pesquisadora Daiana Nascimento dos Santos, a “arte debía ser accesible a las masas y tener un propósito social en que legitimase el progreso socialista; exigía del escritor veracidad y una representación concreta de la realidad revolucionaria”<sup>32</sup>.

Era necessário que os escritores tivessem uma concepção inteira e madura do mundo, posto que “precisa ver o mundo na sua contrariedade móvel, para solucionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários”<sup>33</sup>. Santos e George Lukács entenderam que a concepção de mundo do escritor deveria estar respaldada em experiências concretas<sup>34</sup>. Ou seja, sem “uma concepção do mundo não se pode narrar bem, isto é, não se pode alcançar uma composição épica ordenada variada e completa”<sup>35</sup>.

O realismo socialista, a partir de 1932, passou a ser encarado como um método que tinha o papel de descrever o real, como se fosse uma cópia do mesmo. A busca pelo real tem por fim a educação dos proletários, fazendo despertar a consciência de classe e o espírito do socialismo. Ou seja, a arte soviética de cunho realista assumiu função dupla: caráter pedagógico e entretenimento<sup>36</sup>. Em outras palavras, o escritor não deveria ser apenas aquele que descreve. A produção artística deve expressar a relação prática do autor com a realidade à qual delinea. Os intelectuais deveriam expor seus posicionamentos políticos, como representar na obra o “punto de vista de la clase obrera el que debía ser abordado por el realismo socialista”<sup>37</sup>.

O que demonstraremos é que Amado assumiu o caráter político-partidário dos romances, até porque em sua interpretação, já havia desaparecido o “homem sem partido. Hoje ele é tão raro como um animal pré-histórico”<sup>38</sup>. Ou, para fazer menção ao escritor russo Ilya Ehrenburg, só a literatura que toma partido teria o poder de fazer compreender a grandiosidade da luta do proletariado<sup>39</sup>. Ao assumir o realismo socialista como modelo estético, Amado acabou por direcionar seu olhar para a vida cotidiana e os sofrimentos dos trabalhadores baianos, inclui-se as proletárias, e ao mesmo tempo, esteve comprometido em usar uma linguagem que permitisse ser compreendido pelo proletariado e pelos pares.

Na acepção de Eduardo de Assis Duarte e Daiana Nascimento dos Santos, não há dúvidas que a obra amadiana está envolta pelo manto político-ideológico do PCB e do realismo socialista soviético. Afirma Santos, que as posturas ideológicas do escritor baiano estão expressas pela estética do romance proletário em “sus textos iniciales: *Caca* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), luego del Realismo Socialista en *Seara Vermelha* (1946) y en la trilogía *Os Subterráneos da liberdade* (1954)”<sup>40</sup>. Nesse sentido:

Jorge Amado, por su parte, se apropria de temáticas relacionadas a la literatura proletaria rusa, en la medida en que propone reemplazos significativos para legitimar esta estética en el territorio brasileño. Ahora bien, las sustituciones contextuales

<sup>31</sup> NAPOLITANO, op. cit., p. 45.

<sup>32</sup> SANTOS, Daiana Nascimento dos. El realismo socialista en tierras tupiniquines. *Pacarina del Sur*, ano 5, n. 21, out./dez., 2014. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1030-el-realismo-socialista-en-tierras-tupiniquines>. Acesso em: 21 jul. 2018.

<sup>33</sup> LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. p. 78.

<sup>34</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines.

<sup>35</sup> LUKÁCS, op. cit., p. 80.

<sup>36</sup> NAPOLITANO, op. cit., p. 45; PIEMONTE, op. cit., p. 8-9.

<sup>37</sup> PIEMONTE, op. cit., p. 10.

<sup>38</sup> TÁTI, op. cit., p. 57.

<sup>39</sup> EHRENBURG, Ilya apud MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 139.-

<sup>40</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines; SANTOS, Daiana Nascimento dos. Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; REIS, Carlos (Orgs.). *Amado Jorge: um retrato de muitas faces*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 39-40. Ainda Cf. SANTOS, Daiana Nascimento dos. Comunismo y Novela en el brasileño Jorge Amado. *Izquierdas*, Santiago de Chile, ano 3, n. 6, p. 1-5, 2010. Ainda conferir este debate em: DUARTE, op. cit., p. 30, 45, 91 a 145. Para uma pequena análise sobre Jubiabá ver: DALMÁS, op. cit., p. 233 et seq.



percibidas en la narrativa de *Cacau*, *Suor* y *Jubiabá* comprueban este discurso del escritor de adecuación de temáticas socialistas al imaginario brasileño.<sup>41</sup>

Santos traz reflexões inovadoras para o campo de análise das obras amadianas publicadas nas cinco primeiras décadas do novecentista. O fragmento supracitado deixa claro que Amado apropriou-se dos elementos culturais das diversas comunidades soteropolitanas para posicionar-se politicamente e legitimar um “fazer literário” no cenário intelectual brasileiro dos anos de 1930<sup>42</sup>. Ao mesmo tempo, essa produção estava sob a supervisão dos dirigentes do PCB que “exigían inflexiblemente a la intelectualidad comunista que siguiera rigurosamente las directrices del realismo socialista, imitando los modelos importantes del arte literario soviético”<sup>43</sup>.

Nos romances que nos dispomos a analisar, assim como sua fortuna crítica, não podemos desconsiderar que os trabalhadores baianos são personagens centrais ao longo da narrativa<sup>44</sup>. É curioso que Amado arrolou como *personagens-trabalhadores* as meretrizes, pescadores e mendigos que, à época, não eram considerados pelos demais setores sociais, como tais<sup>45</sup>. Santos está certa ao afirmar que o escritor baiano elegeu o “povo” como seu principal sujeito, dando a este uma “nova cara”<sup>46</sup>. Mas a autora não faz uma análise aprofundada desses sujeitos que compõem a categoria ou nomenclatura “povo”. Algumas questões podem ser levantadas, como: Quais são os sujeitos que compõem o “povo”? Como poderíamos conceituar tal terminologia? A autora pensou nos *sujeitos-personagens* que tradicionalmente não eram considerados como trabalhadores na década de 1930?

## O caráter proletário de Cacau: análise da obra

62

Em *Cacau*, os trabalhadores exercem seus ofícios no campo enfrentando cotidianamente vários problemas, como os climáticos:

As nuvens encheram o céu que começou a cair uma chuva grossa. Nem uma nesga de azul. O vento sacudia as arvores e os homens seminus tremiam. Pingos de água rolavam das folhas e escorriam pelos homens.<sup>47</sup>

Contudo, o maior de seus problemas é a exploração dos coronéis das culturas de cacau.

As condições que os trabalhadores são submetidos não parecem ser vantajosas. As casas são de palhas, pequenas, “com um único cômodo que servia de quarto, sala e cozinha”<sup>48</sup>, e a latrina fica na mata, onde eles trabalham. Alimentam-se de carne seca, feijão e às vezes de “bagos de jaca”, comprovando as péssimas condições que vivem aqueles homens, quase sempre submetidos a um “trabalho estafante”<sup>49</sup>.

Éramos muitos na imensidade da roça. As folhas secas dos cacaueiros tapetavam o chão, onde as cobras esquentavam o sol após as longas chuvas de junho. Os frutos amarelos pendiam das arvores como lâmpadas antigas. Maravilhosa mistura de cor que tornava tudo belo e irreal, menos o nosso trabalho estafante. As sete horas já estávamos a derrubar os cocos de cacau, depois de haver afiado nossos fações jacaré,

<sup>41</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines;

<sup>42</sup> SANTOS, Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado, p. 42.

<sup>43</sup> MORAES, Denis apud SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines; DALMÁS, op. cit., p. 236.

<sup>44</sup> Cf. SANTANA, op. cit.; SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines.

<sup>45</sup> Sobre este aspecto, ver análise interessante: SANTANA, op. cit., p. 145-204.

<sup>46</sup> SANTOS, Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado, p. 42-43; SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines.

<sup>47</sup> AMADO, *Cacau*, p. 9.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>49</sup> AMADO, *Cacau*, p. 43.



na porta da venda. Às cinco horas da manhã o gole de pinga e o prato de feijão nos davam forças para o trabalho do dia.<sup>50</sup>

Amado empenhou-se em representar as condições humanas dos trabalhadores das fazendas de cacau. Condições que não faziam ideia que iriam enfrentar, quando adentram uma cabine de trem para tentar uma vida melhor nas regiões cacauceiras. As origens das personagens são várias: muitas são migrantes das regiões Norte e Nordeste, que mudaram para o Sul da Bahia. Eles desconheciam os problemas, como a exploração, e muito menos dos péssimos espaços em que moram os trabalhadores da região. O Sul da Bahia, em *Cacau*, tende a não ser muito gentil com aqueles que não dispunham do brasão de uma família nobre.

Chovia. A classe era uma miséria. A gente nem podia sentar. A água caía do teto e os bancos de madeira estavam pingando. Num canto, um velho conservava o guarda-chuva aberto e lia um jornal. De quando em vez cuspiá para os lados, fazendo com a língua um estalido estranho. A classe estava cheia. Restava um único lugar entre o velho e uma rapariga de faces muito pintadas. Arriei a minha trouxa no chão e sentei-me.<sup>51</sup>

São nas condições descritas no excerto que viajam os “retirantes nordestinos” em busca de um recomeço, mas sem ter conhecimento sobre a forma como “a gente pobre” é tratada pelos coronéis. As relações dos ricos com os pobres em Ilhéus se dão de forma conflituosa. É quase onipresente nas narrativas a denúncia das relações de opressão e poder dos ricos para com os pobres. A questão da exploração ganha contornos muito bem definidos nos romances do autor.

*Cacau* tem a função de pôr à vista a exploração dos trabalhadores do campo pelos coronéis das fazendas de cacau. Segundo Táci, o romance soa como um grito da massa camponesa penalizada pelas “misérias do campo, com todas as suas notas de desumanidade e de injustiça”<sup>52</sup>. Ilustra Alfredo Wagner Berno de Almeida, que com esse romance aconteceu a “descoberta do caminho” pelo autor<sup>53</sup>. É óbvio que ele está se referindo ao pensamento de esquerda de Amado, devido ao seu compromisso em querer representar nos romances as diretrizes do PCB.

Os donos das fazendas são homens e mulheres bem alimentados, cheios de joias para usar nas festas, ou mesmo no dia a dia. Os senhores são representados como gordos - simbolizando a sua riqueza -, assim como têm “uma voz arrastada, demorada, cansada, de animal sagaz, e uns olhos maus, metidos na cara enrugada pela idade”<sup>54</sup>. Entendemos que são recursos narrativos usados pelo autor para demonstrar a desigualdade socioeconômica enquanto linha divisória entre os senhores da “*Casa Grande*” e os trabalhadores que vivem em condições de subservidão.

Em Rio do Braço o trem demorava trinta minutos para a baldeação. Saltamos quase todos. Havia um quiosque onde vendiam café e pão. Os passageiros se agrupavam em torno dele. O velho me ofereceu uma xícara de café, e começou a me interrogar.

- Vai trabalhar pra quem, menino?

- Pra Mané Frajelo.

- Pra aquela miséria? Tá bem arranjado.

Quanto ele vai te pagar? Mil e quinhentos reis?

- Não sei. O empregado dele é que vai me dizer.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>52</sup> TÁCI, op. cit., p. 61.

<sup>53</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Jorge Amado**: política e literatura: um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 99.

<sup>54</sup> AMADO, Cacau, p. 85.





- Trabalhadorê de lá nunca tem saldo. Vicente trabalhou pra ele. Vicente!  
Vicente era o tal sujeito de talho na cara.  
- Vancê que já foi alugado de Mané Frajelo, que tar acha ele?  
- Um fia da puta é que ele é. Trabalhei lá três ano. Quando saí adivinha qual era o meu saldo?  
O velho sorria  
- Cinco mil-réis.. [...].<sup>55</sup>

No diálogo, o autor associa os fazendeiros à imagem da ambição<sup>56</sup>, que exploram seus trabalhadores que não dispõem sempre de saldo - do dinheiro conquistado a partir das tarefas no campo. Ao longo do romance vai demonstrando o quanto os trabalhadores acabam, muitas vezes, devendo ao empregador por algum motivo.

Os camponeses ou “alugados”<sup>57</sup> são representados como verdadeiros objetos a terem suas forças de trabalho abusadas pelos coronéis. Muitas vezes, eles saem no prejuízo em caso de danos a alguma saca de cacau. Sem contar as formas de violências praticadas pelos patrões contra esses sujeitos, constituindo uma política do medo na qual estão envolvidos.

Mas, no romance, as posturas dos “senhores” não podem ser entendidas como dispositivos de submissão aceitos pelos camponeses, uma vez que eles demonstram comportamentos de resistência e confronto com seus “alugadores”<sup>58</sup>.

Aquelas pessoas representam o espectro do sofrimento que ronda as classes trabalhadoras, somado ao pouco que dispunham de mecanismos de lazer. O escritor, ao longo do enredo, tenta mostrar a consciência dos sujeitos sobre suas próprias realidades. Daí resulta a preocupação em contar “com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores do Sul da Bahia”<sup>59</sup>, e a vivência de Amado no Sul do estado lhe conferiu tal sensibilidade.

Já discutimos que fora a experiência de Amado na *Academia dos Rebeldes* (AR)<sup>60</sup> o passo inicial para o ingresso na esquerda. Em *O país do carnaval*, as personagens centrais questionam a ordem estabelecida pelos escritores ligados às elites político-econômicas soteropolitanas. No final do romance, José Lopes aparece envolvido com o comunismo, sendo apresentado como um caminho possível para a vida, especialmente aquele personagem que é mais ligado ao campo intelectual.

O “verdadeiro intelectual” de Jorge Amado é José Lopes, personagem que debate com Rigger as possíveis opções a serem tomadas e no fim acaba por optar pelo comunismo, definindo-se como materialista e um crente na humanidade. No diálogo que finaliza o romance, José Lopes expõe a Rigger as razões de sua opção, afirmando que é preciso acabar com os preconceitos do povo; em outras palavras, instruí-lo. Ainda que Lopes, o comunista, não tenha tanta convicção de sua decisão, mostrando-se mais um simpatizante dos ideais comunistas, Jorge Amado, através dele, projeta a temática e que tipo de abordagem deveria ter o “verdadeiro intelectual”; sua missão; instruir o “povo”.<sup>61</sup>

Na interpretação de Palamartchuk, caberia ao intelectual a função de apontar nortes, caminhos. O escritor Amado encarou o comunismo enquanto caminho possível para sanar os problemas de sua geração? Sem dúvida, Amado o teve em conta. Mas, não desconsideremos que o autor não nos deu tantos

<sup>55</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>57</sup> Termo usado por Jorge Amado.

<sup>58</sup> Idem, p. 71-73.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> SANTANA, op. cit., p. 72-92.

<sup>61</sup> PALAMARTCHUK, Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, p. 115.



indícios sobre este assunto, apenas o via como possibilidade frente a tantas outras como a religião, a filosofia, o amor.

Rigger se encontra casualmente com José Lopes numa rua qualquer, onde o segundo aparenta ser um homem mudado. Este se encontrava com saúde debilitada pelo uso excessivo de bebidas alcoólicas e cigarros, estando naquele momento “bem vestido, um ar mais sereno, saindo de um consultório médico”<sup>62</sup>. Rigger fica espantado frente a mudança de Lopes, porque realmente não esperava encontrá-lo daquele jeito, no entanto, aquela mudança tem um motivo muito especial.

Eles vão até um bar e conversam sobre religião, felicidade, propósito da vida, crenças, descrenças e as conversas que tinham quando se reuniam com os demais membros do grupo de Ticiano. Nesta conversa, Lopes fala ser materialista, e que em “vez de crer em Deus, creio na Humanidade. Quero a sua felicidade”<sup>63</sup>. O materialismo é apresentado como caminho para a felicidade, elemento tão caro nas conversas entre os amigos.

- Você é...
  - ... comunista...
  - Não diga...
  - Verdade.
  - Mas o comunismo tem inúmeros defeitos, José.
- José Lopes tomou um ar sério de defensor e dispôs-se a replicar. Paulo Rigger gargalhou.
- Você está se divertindo às minhas custas...
  - Sou incapaz disso.
  - Então você está amando toda a Humanidade?

65

O autor usa a personagem Rigger para atribuir à via comunista alguns defeitos, mas não os cita, representando uma crença nas coisas materiais e nos homens, sendo estes os promotores das mudanças por meio de lutas político-sociais. No momento em que se despede de Rigger, Lopes confidencia em seu ouvido que: “A gente deve arranjar um princípio, um ideal para iludir-se, pelo menos. Eu me iludo com esse negócio do comunismo”<sup>64</sup>.

Em *Cacau*, encontramos evidências do pensamento de esquerda quando adentramos nos problemas dos trabalhadores do campo versus cidade, tornando-se uma questão a ser refletida. Termos como “tratamento igualitário” para todos e “consciência de classe” aparecem. Conflitos entre ricos e trabalhadores, explorados e exploradores são recursos constantes no romance. Num diálogo entre Sergipano – filho do dono de uma fábrica em Sergipe - e Roberto, um guarda da cidade, o Coronel Manuel Misael de Sousa Teles aparece como um “idiota. Nem goza a vida. A alegria desse miserável é fazer mal aos outros”. Aquele senhor rico tem uns setenta anos e duas amantes, representando seu poderio econômico.

A personagem Roberto teve uma experiência mal sucedida de gerenciar uma loja e passou muita fome. Novamente, em um dos diálogos fez alusão ao coronel, dizendo que “é preferível ser pobre a ser rico e viver como esse miserável. De que servem eles? Só sabem furta... E rezam. Rezam acredite. Pretendem o céu. Talvez comprem mesmo um lugar por lá [...]. Olhe eu me orgulho de ser guarda”<sup>65</sup>.

Esses trabalhadores entendem o sistema de exploração que estão submetidos<sup>66</sup>. Amado apontou a luta contra os abusos dos patrões como um dos caminhos possíveis. No entanto, existe um problema, posto que terão que lidar com o medo que a igreja implantou entre os trabalhadores em caso de revolta.

<sup>62</sup> AMADO, Jorge. O país do carnaval. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 177.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>65</sup> AMADO, Cacau, p. 28-29.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 86-88.



Se fizer, estarão condenados ao fogo do inferno. Uma das regras fundamentais de sobrevivência é que eles devem “obedecer aos patrões e aos padres. Que não se devia dar ouvidos a teorias igualitárias”<sup>67</sup>.

- Nós todos somos iguais. Somos todos explorados...

- Não seja tolo. – Enraivecia-se. – Vocês também odeiam a gente sem saber se há bons e maus.

Eu contei-lhe a minha história, que ela ouviu silenciosa.

Concluí:

- Como vê, senhorita, sou igual a todos eles. Nós somos laia à parte. Eu vim de gente boa. Hoje, porém, sou inteiramente deles e estou contente com isso.

- Com passar mal?

- Não vale a pena ser rico. E quem sabe se um dia isso mudará...

- Você é socialista?

- Não conhecia, de fato. Mária não explicou<sup>68</sup>.

O princípio de igualdade no diálogo perpassa pela ideia de exploração. Todos os homens e mulheres explorados pelos senhores são iguais, estão submetidos ao sistema de igual valor. A fala de Mária, a filha do coronel, é muito significativa quando a personagem atribui aos camponeses o ódio aos patrões. O ódio marca presença nas narrativas amadianas, e não passa despercebido pelos senhores.

Mária, em diálogo com Sergipano, afirma que entende as péssimas condições que os trabalhadores das lavouras de cacau vivem, e critica o ódio indiscriminado dos alugados, sem distinguir as pessoas boas das más. No romance, o autor pôs em evidência a exploração cotidiana dos trabalhadores, que repudiavam usar o mesmo mecanismo dos senhores. Tal reflexão fica em ênfase quando Mária pergunta a Sergipano se ele não pensa em enriquecer, e ele de imediato responde que não, “porque não sei explorar trabalhadores”<sup>69</sup>.

O escritor Amado acabou encontrando um caminho para resolver o problema da exploração. Suas personagens são detentoras de uma consciência crítica e questionam as direções que podem trilhar com o intuito de conseguirem mudanças. É imperativo, nos discursos de Sergipano, o desejo de transformar a própria realidade e dos demais camponeses. A preocupação em resolver o problema da exploração está delineada nas conversas cotidianas, pois as condições de humilhação e exploração são exacerbadas<sup>70</sup>.

A união entre os trabalhadores representando a ideia de “consciência de classe” inspirou a criação do capítulo “*Consciência de Classe*” como solução para resolver alguns dos problemas como a contratação de funcionários da própria fazenda para matar aqueles que causaram algum tipo de inconveniente. A ideia de pertencimento ao mesmo grupo de trabalho, submetido às mesmas condições, acabou se tornando preponderante para compreendermos o sentido de classe para o autor.

“Rio, 12 de setembro de 1933..

Sergipano:

Estou no Rio, já arranjei trabalho. como vão os camaradas dahi? O coronel ficou damnado por que Honório não me matou?

Venha embora para cá, Sergipano. Aqui se aprende muito, tem resposta para o que a gente perguntava ahi. Eu não sei explicar direito. Você já ouviu falar em luta de classe? Pois há luta de classe. As classes são coronéis e os trabalhadores. Venha que fica sabendo tudo. E um dia a gente pode voltar e ensinar para os outros.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 99-100.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 89-91.



Abrace os conhecidos e

Colodino.<sup>771</sup>

A carta de Colodino - homem que seria morto por Honório a pedido do coronel – para Sergipano apresenta o Rio de Janeiro como espaço propício para pensar nas lutas de classe. Percebemos por meio da historiografia, que foi no eixo Rio-São Paulo que o movimento comunista mais se destacou, considerando aí o processo de fundação do PCB.

A luta de classe e a ideia de consciência de classe ganharam contornos claros no final da narrativa, quando o autor delineou a greve gerada pelos trabalhadores da fazenda que Sergipano trabalha. O desfecho do movimento acontece quando o cacau começa a cair no mercado e os coronéis passam a usar o evento como justificativa para intensificar a jornada de trabalho dos camponeses com a ameaça de diminuição dos salários.

“Um dia, por fim, diminuíram os salários para três mil-réis. Eu chefeiei a revolta. Não voltaríamos às roças”<sup>772</sup>. Os trabalhadores articulam uma reunião na casa de um dos grevistas com intuito de melhorar suas atuações na greve, mas a chegada de “trezentos e tantos flagelados que trabalha por qualquer dinheiro...”<sup>773</sup> fez com que desistissem do ato, porque têm medo de perder seus empregos e da fome que viria posteriormente.

Sergipano entende que sua permanência na fazenda não tem sentido, considerando que não dispunha mais das condições necessárias para lutar. Os demais trabalhadores, embora vislumbrem a necessidade de resistência, não possuem mecanismos para enfrentar a ira dos senhores, bem como arcar com as consequências, sobretudo materiais, que uma greve poderia causar. O desastre da greve estimula a ida de Sergipano para o Rio de Janeiro, lugar onde dispôs, em certa medida, das condições concretas e respostas necessárias para a “luta de classe”.

No outro dia me despedi dos camaradas. O vento balançava os campos e pela primeira vez senti a beleza ambiente.

Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão.

Na curva da estrada voltei-me. Honório acenava adeus com a mão enorme. Na varanda da casa-grande o vento agitava os cabelos de Mária.

Eu partia para a luta de coração limpo e feliz.<sup>774</sup>

Almeida fez uma análise muito interessante sobre este desfecho de *Cacau*. Para o autor, a cidade acaba se tornando um estágio importante na formação dos trabalhadores da fazenda. No caso de Colodino, foi necessário sair do campo para entender o sentido da luta de classe para depois tornar-se um sujeito organizado, propagandista, educador<sup>775</sup>. Sergipano também teve que fazer sacrifícios, como abandonar a mulher amada. Eram barreiras que precisavam ser transpostas em nome do ideal revolucionário.

## Referências

<sup>71</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>75</sup> ALMEIDA, op. cit., p. 96.



- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Jorge Amado**: política e literatura: um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- \_\_\_\_\_, Jorge. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- \_\_\_\_\_, Jorge. **O país do carnaval**. Janeiro Record, 198...
- \_\_\_\_\_, Jorge (Org.). **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.
- \_\_\_\_\_, Jorge; GOMES, Alvaro Cardoso. **Jorge Amado**. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50)**: as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. 2010. 403 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- DALMÁS, Carine. Frentismo cultural dos comunistas no Brasil e no Chile: literatura, escritores e virada aliancista (1935-1936). **Projeto História**, São Paulo, n. 47, p. 225-258, ago. 2013.
- DIAS, Fabio Alves dos Santos. **Do realismo burguês ao realismo socialista**: um estudo sobre a questão da herança cultural no pensamento de Lukács nos anos 1930. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best Seller de Jorge Amado**: literatura e identidade nacional. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa**: história, política e literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. **Temáticas**, Campinas, v. 37, n. 38, p.25-56, 2011.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista**: escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945). 1997. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- PIEMONTE, Víctor Augusto. El realismo socialista, la Tercera Internacional y el giro político-cultural en el comunismo argentino. In: Jornadas de Sociología de la UNPL, 7, 2012, Argentina. **Anais Eletrônicos**, Argentina: UNPL, Argentina. p.1-23. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.2189/ev.2189.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.2189/ev.2189.pdf). Acesso em: 23 abr. 2017.
- RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- SANTANA, Geferson. **O combate das ideias**: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937). 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.
- \_\_\_\_\_, Geferson. Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937). **Izquierdas**, Santiago, n. 49, p. 58-78, 2018.
- SANTOS, Daiana Nascimento dos. El realismo socialista en tierras tupiniquinas. **Pacarina del Sur**, ano 5, n. 21, out./dez., 2014. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1030-el-realismo-socialista-en-tierras-tupiniquinas>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- \_\_\_\_\_, Daiana Nascimento dos. Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; REIS, Carlos (Orgs.). **Amado Jorge: um retrato de muitas faces**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 39-44.
- \_\_\_\_\_, Daiana Nascimento dos. Comunismo y Novela en el brasileño Jorge Amado. **Izquierdas**, Santiago de Chile, ano 3, n. 6, p. 1-5, 2010.



SECCO, Lincoln. Leituras comunistas no Brasil (1919-1943). In: DEAECTO, Midori; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Edição e revolução**: leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Belo Horizonte, Minas Gerais: Editoria UFMG, 2013, p. 29-64.

SILVA, Paulo Santos. **Âncora de tradição**: luta política, intelectualidade e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1945). Salvador: EDUFBA, 2000.

SOARES, Ângelo Barroso Costa. **Academia dos Rebeldes**: modernismo à moda baiana. 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado**: vida e obra. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Limitada, 1961.

ZHDANOV, Andrei. Soviet Literature - Richest in Ideas, Most Advanced Literature. In: Gorky, Radek, Bukharin, Jdanov and others "Soviet Writers' Congress 1934", Lawrence & Wishart, 1977. Transcribed by Jose Braz, Andy Blunden and Hasan. Oline version. Disponível em:

[https://www.marxists.org/subject/art/lit\\_crit/sovietwritercongress/index.htm](https://www.marxists.org/subject/art/lit_crit/sovietwritercongress/index.htm). Acesso em: 20 de ago. 2016.

